

ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS

C A D E I R A N º 28

PATRONO: AMÉRICO LOBO

Diário de Minas, 21-4-1957

AMÉRICO LOBO — Nasceu Américo Lobo Leite Pereira em Campanha em, 1839 e faleceu no Rio de Janeiro em 1º de outubro de 1903. Fez os estudos primários na terra natal, seguindo para São Paulo, onde cursou humanidades, já iniciados em Minas. Diplomou-se em direito pela Faculdade de Direito de S. Paulo em 1862. Regressando a Minas, foi nomeado juiz municipal de Pouso Alegre, cargo em que deixou, em

relevo, a incorruptibilidade de caráter, além de seus notáveis conhecimentos jurídicos, abandonando pouco tempo depois a magistratura, foi solicitado por seus numerosos amigos e admiradores a ingressar na política, no partido liberal. Eleito deputado à Assembléia Legislativa Federal, exerceu o cargo com muito brilho. Dissolvida a Câmara em 1868, dois anos antes do término da legislatura, tomou corajosa atitude, filiando-se à propaganda republicana em Leopoldina, onde estabelecera a sua banca de advogado. Coadjuvando com todo o seu talento as atividades de Silva Jardim, viu coroada de êxito a sua fé republicana em 1889. Nomeado governador do Paraná, pouco tempo esteve no Estado



Américo Lobo

sulino, pois fora eleito senador por Minas à Constituinte de 1889, exercendo o mandato no triênio que lhe coube. Retirando-se para Juiz de Fora, em retorno à profissão de advogado, dele não se esqueceu o marechal Floriano Peixoto, que, em reconhecimento a seus talentos, o nomeou ministro do Supremo Tribunal Federal, cargo em que veio a falecer, aos sessenta e quatro anos de idade. Américo Lobo, além de jurista brilhante, era poeta delicadíssimo, escritor de escorreita linguagem, versado em línguas vivas e mortas. Traduziu Molière e Longfellow. Colaborou, ao tempo de estudante em São Paulo, na famosa Revista Mensal de Ensaio Filosófico. Cultura de verdade, feita na meditação, no silêncio do gabinete, sem alardes nem propaganda, tinha como ponto de honra extremada correção nas atitudes. Além de numerosos trabalhos esparsos, pelos jornais do tempo, publicou: Poemas norte-americanos, coleção de traduções de poetas dos Estados Unidos, Evangelina, Canto de Hiawatha, de Longfellow Poesias e Declarações constitucionais, de Marshal. Enfermo por muito tempo, não faltava às sessões do Supremo Tribunal Federal, relatando feitos memoráveis num dos quais pôs à prova toda a sua bravura moral de juiz incorruptível.

146

JOSÉ RANGEL — Nasceu em Pitangui em 17 de agosto de 1868 e faleceu no Rio de Janeiro em 22 de novembro de 1940. Menino ainda, foi com seus pais para Juiz de Fora, onde cursou as primeiras letras. Seguiu para Ouro Preto, em cuja escola de farmácia obteve o diploma de farmacêutico-químico. Regressando a Juiz de Fora, dedicou-se ao magistério e ao jornalismo. Foi diretor da Escola Normal Oficial

da referida cidade. Seus conhecimentos pedagógicos o recomendaram ao governo federal, que o convocou para Diretor Normal do Rio de Janeiro. Retornando a Juiz de Fora, foi diretor do Grupo Escolar "Delfim Moreira", primeiro estabelecimento no gênero fundado em Minas Gerais na presidência João Pinheiro. Essa casa de ensino congregou, na época, as figuras mais ilustres dos meios educacionais de Juiz de Fora. Foi professor de história natural da Academia do Comércio e professor da Escola de Farmácia de "O Granbery", ambos da Manchester Mineira. Jornalista, redigiu por algum tempo o "Jornal do Comércio", colaborando com muita assiduidade em "O Farol" e outros jornais da culta cidade. Após muitos anos de atividade em Minas, fixou residência no Rio de Janeiro, dirigindo o Instituto Profissional "João Alfredo". Ainda no Rio, não se esqueceu da atividade jornalística, emprestando "O País" farta colaboração. Cientista, publicou Lições de história natural. Literato brilhante, escreveu Alviissaras. Não lhe faltou a tendência para o teatro, compondo a comédia "O Bigamo". Além dessa atividade, outra lhe veio consagrar o nome: a oratória. Palavra primorosa, tomou parte em congressos de finalidade pedagógicas e numerosas solenidades públicas. Deixou sob o título — Discursos, alguns dos seus mais belos trabalhos. Pertenceu ao Grupo dos Doze, quando da fundação da Academia Mineira de Letras. De José Rangel ficou a tradição de homem profundamente bom, afável, generoso.



José Rangel

Mestre Rangel, era a expressão que acudia aos lábios de Lindolfo Gomes e Belmiro Braga.